

GUSTAVE
FLAUBERT

Madame Bovary
Costumes de província

Tradução de
MARIO LARANJEIRA

Apresentação de
CHARLES BAUDELAIRE

Prefácio de
LYDIA DAVIS

Introdução de
GEOFFREY WALL



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da apresentação de Baudelaire © 1976 by Éditions Gallimard
Copyright do prefácio © 2010 by Lydia Davis
Copyright da introdução e das notas © 1992, 2003 by Geoffrey Wall

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Madame Bovary

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Cláudia Warrak

TRADUÇÃO DOS APÊNDICES
Luiz Araújo, Sandra M. Stroparo

PREPARAÇÃO
Camila Vargas Boldrini

REVISÃO
Márcia Moura
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Flaubert, Gustave, 1821-1880.

Madame Bovary : costumes de província / Gustave Flaubert ; tradução de Mario Laranjeira. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

Título original: Madame Bovary.
ISBN 978-85-63560-31-5

1. Romance francês I. Título

11-11893

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura francesa 843

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Madame Bovary por Gustave Flaubert — Charles Baudelaire	7
Prefácio — Lydia Davis	21
Introdução — Geoffrey Wall	41
MADAME BOVARY	
Primeira parte	75
Segunda parte	153
Terceira parte	341
<i>Cronologia</i>	481
<i>Notas</i>	485

PRIMEIRA PARTE

Estávamos na sala de estudos quando o diretor entrou, seguido de um *novato* com roupas à paisana e de um bedel que carregava uma carteira. Os que estavam dormindo acordaram, e cada um se levantou como que surpreendido em seu estudo.

O diretor fez-nos sinal para que nos sentássemos; depois, voltando-se para o mestre de estudos:

— Senhor Roger — disse-lhe a meia-voz —, aqui está um aluno que eu lhe recomendo; ele está entrando na quinta série. Se o trabalho e o comportamento dele forem meritórios, passará para os maiores, que é o seu lugar pela idade.

Ficando no canto, atrás da porta, onde mal se conseguia vê-lo, o *novato* era um garoto do campo, de uns quinze anos de idade, e estatura mais alta do que qualquer um de nós. Tinha os cabelos cortados retos na testa como um cantor de igreja de aldeia, com um jeito ajuizado e muito acanhado. Embora não tivesse ombros largos, o paletó curto de pano verde e botões pretos devia atrapalhá-lo, deixando-o pouco à vontade, e permitia ver, pela fenda das roupas, uns pulsos vermelhos habituados a ficar descobertos. As pernas, com meias azuis, saíam de umas calças amareladas bastante estiradas pelos suspensórios. Calçava sapatos fortes, mal engraxados, guarnecidos de pregos.

Começaram a recitar as lições. Ele prestava plenos ouvidos, atento como ao sermão, nem mesmo ousando cruzar as pernas, nem apoiar-se nos cotovelos, e, às duas horas, quando bateu o sino, o mestre de estudos precisou avisá-lo para que entrasse conosco na fila.

Tínhamos o costume, ao entrar na sala, de jogar os gorros no chão, para ficar com as mãos mais livres; era preciso, desde a soleira da porta, atirá-los debaixo das carteiras, de maneira a bater contra a parede fazendo muita poeira; era o que se fazia.

Mas ou porque ele não tivesse notado essa manobra, ou porque não tivesse decidido submeter-se a ela, a oração já havia acabado e o *novato* ainda mantinha o casquete sobre os dois joelhos. Era uma dessas carapuças de natureza compósita,¹ onde se encontram elementos de gorro de pelo, de *chapska*,² do chapéu redondo, do boné de lontra e do gorro de algodão, uma dessas pobres coisas enfim, cuja feiura muda tem a mesma profundidade de expressão que o rosto de um imbecil. Ovoide e abaulado com barbatanas, começava por três rolos circulares; em seguida, alternavam-se, separados por uma faixa vermelha, losangos de veludo e de pelos de coelho; vinha depois uma espécie de saco que terminava por um polígono cartonado, coberto por um bordado em galão complicado, e de onde pendia, na ponta de um longo cordão bem fino, uma cruzinha de fios de ouro, à maneira de glande. Era novo; a viseira brilhava.

— Levante-se — disse o professor.

Ele levantou-se; o boné caiu no chão. Toda a classe se pôs a rir.

Abaixou-se para apanhá-lo. Um vizinho derrubou-o com o cotovelo, ele o apanhou mais uma vez.

— Livre-se de seu capacete — disse o professor, que era um homem espirituoso.

Houve uma gargalhada geral dos alunos, que deixou o pobre rapaz sem jeito, tanto assim que não sabia se

segurava o boné na mão, deixava-o no chão ou o punha na cabeça. Voltou a sentar-se e o pôs no colo.

— Levante-se — repetiu o professor — e diga-me o seu nome.

O *novato* articulou, com uma voz balbuciante, um nome ininteligível.

— Repita!

O mesmo balbucio de sílabas se fez ouvir, coberto pelas vaias da classe.

— Mais alto — gritou o mestre. — Mais alto!

O *novato*, tomando então uma resolução extrema, escancarou a boca e lançou a plenos pulmões, como para chamar alguém, esta palavra: “Charbovari”.³

Foi uma gritaria que se lançou como um salto, subiu em crescendo, com explosões de vozes agudas (uivavam, latiam, saltitavam, repetiam: “Charbovari! Charbovari!”), e que depois rolou em notas isoladas, acalmando-se com grande dificuldade, e por vezes recomeçava de repente na linha de uma fileira de carteiras onde se destacava ainda aqui e ali, como um rojão mal apagado, algum riso abafado.

Entrementes, debaixo da chuva de castigos, a ordem pouco a pouco se restabelecia na classe, e o professor, tendo conseguido captar o nome de Charles Bovary, exigindo que o ditasse, soletrasse e relesse, mandou o pobre coitado ir imediatamente sentar-se no banco dos preguiçosos, ao pé da cátedra. Ele se pôs em movimento, mas antes de ir, hesitou.

— O que é que você está procurando? — perguntou o professor.

— Meu bon... — fez timidamente o *novato*, lançando ao redor de si olhares inquietos.

— Quinhentos versos para toda a classe! — exclamado com voz furiosa, deteve, como o *Quos ego*,⁴ uma nova borrasca.

— Fiquem quietos! — continuava o professor indig-

nado, e enxugando a testa com um lenço que acabara de pegar na touca: — Quanto a você, *novato*, vai me copiar vinte vezes o verbo *ridiculus sum*.

Depois, com voz mais suave:

— Ei! O seu casquete, você vai achá-lo; ninguém o roubou!

Tudo retomou a calma. As cabeças curvaram-se sobre os cadernos, e o *novato* ficou durante duas horas numa postura exemplar, embora houvesse, de vez em quando, alguma bolinha de papel lançada de um bico de pena que vinha bater em seu rosto. Mas ele se limpava com a mão e continuava imóvel, de olhos baixos.

No fim da tarde, na sala de estudos, tirou os punhos da carteira, colocou em ordem suas pequenas coisas, pautou a folha em branco. Vimo-lo trabalhar conscienciosamente, procurando todas as palavras no dicionário e tendo muita dificuldade. Graças, sem dúvida, a essa boa vontade de que deu prova, não deve ter descido à classe inferior; pois, se conhecia razoavelmente as regras, não tinha elegância nos fraseados. Foi o vigário de sua aldeia que o iniciara no latim, não o tendo os pais, por economia, mandado ao colégio senão o mais tarde possível.

O pai, sr. Charles-Denis-Bartholomé Bovary, antigo major-cirurgião auxiliar, comprometido, por volta de 1812, em negócios de conscrição, e forçado, por essa época, a deixar o serviço, tinha então aproveitado as suas vantagens pessoais para agarrar de passagem um dote de sessenta mil francos que se oferecia na filha de um comerciante chapeleiro, a qual havia gostado do seu jeito. Homem bonito, falante, fazendo soar alto as suas esporas, usando costeletas que se ligavam aos bigodes, dedos sempre guarnecidos de anéis e vestido com cores vistosas, tinha o aspecto de um bravo, com a conversa fácil de um caixeiro-viajante. Uma vez casado, viveu dois ou três anos em cima da fortuna da mulher, jantando bem, levantando-se tarde, fumando grandes cachimbos de por-

celana, só voltando à noite para casa após o espetáculo e frequentando os cafés. O sogro morreu e deixou pouca coisa; ele ficou indignado, lançou-se *na indústria*, perdeu nisso algum dinheiro, depois retirou-se para o campo, onde quis *fazer render a terra*. Mas como não entendia mais de cultura do que de chita, montava em seus cavalos em vez de mandá-los para a lavoura, bebia a sua sidra em garrafas em vez de vendê-la em barricas, comia as mais belas aves do galinheiro e engraxava as botas de caça com a banha de seus porcos, não tardou a se dar conta de que era melhor deixar para lá qualquer especulação.

Mediante duzentos francos por ano, encontrou, então, para alugar, numa aldeia nos confins da região de Caux e da Picardia, uma espécie de residência meio fazenda, meio casa senhorial; e, acabrunhado, roído de arrependimento, acusando o céu, com inveja de todo mundo, fechou-se, desde a idade de quarenta e cinco anos, desgostoso dos homens, dizia, e decidido a viver em paz.

Sua mulher tinha sido outrora louca por ele; tinha-o amado com mil servilismos que o tinham afastado dela ainda mais. Antes alegre, expansiva e toda amante, ela tinha se tornado, ao envelhecer (à maneira do vinho em contato com o ar que vira vinagre) de humor difícil, queixosa, nervosa. Tinha sofrido tanto, sem se queixar, primeiro quando o via correr atrás de todas as biscates de aldeia e quando vinte lugares mal-afamados o mandavam de volta à noite, apático e cheirando embriaguez! Depois o orgulho tinha se revoltado. Então ela tinha se calado, engolindo a raiva num estoicismo mudo, que guardou até a morte. Ela estava sempre fazendo compras, negócios. Ia aos advogados, ao presidente do conselho, lembrava-se do vencimento dos títulos, obtinha prorrogações; e, em casa, passava roupa, costurava, lavava, cuidava dos empregados, pagava contas, enquanto, sem se preocupar com nada, o atrão, continuamente entorpecido numa sonolência arredia de que só acordava

para lhe dizer desaforos, ficava fumando num canto do borrarho, cuspidando nas cinzas.

Quando ela teve um filho, foi preciso entregá-lo a uma ama de leite. Voltando para a casa deles, o bebê foi mimado como um príncipe. A mãe o alimentava com geleias; o pai deixava que corresse sem sapatos e, para banhar o filósofo, dizia até que podia andar totalmente nu, como os filhos dos bichos. Ao contrário das tendências maternas, ele tinha em mente certo ideal viril da infância, segundo o qual tentava formar o filho, querendo que o educassem duramente, à espartana, para dar-lhe uma boa compleição. Mandava-o dormir sem acender a lareira, ensinava-lhe a beber grandes goles de rum e a insultar as procissões. Mas, naturalmente pacífico, o pequerrucho respondia mal aos seus esforços. A mãe carregava-o sempre atrás de si; recortava cartões para ele, contava-lhe histórias, conversava com ele em monólogos sem fim, cheios de alegrias melancólicas e agradinhos tagarelas. No isolamento de sua vida, ela levava para aquela cabeça de criança todas as suas vaidades esparsas, partidas. Sonhava com altas posições, via-o já grande, belo, espiritualoso, estabelecido, no Departamento de Viação e Obras Públicas ou na magistratura. Ensinou-lhe a ler, ensinou-lhe até, num velho piano que tinha, a cantar duas ou três pequenas romanças. Mas a tudo isso o sr. Bovary, pouco ligado às letras, dizia que *não valia a pena!* Teriam eles recursos para mantê-lo em escolas do governo, comprar para ele um cargo ou um comércio? Aliás, *com topete, um homem vence sempre no mundo.* A sra. Bovary moradia os lábios, e a criança vagabundeava pela aldeia.

Ele acompanhava os lavradores e espantava, atirando torrões, os corvos que alçavam voo. Comia amoras ao longo das valetas, guardava os perus com uma vara, revolvia o feno na ceifa, corria pelos bosques, jogava amarelinha no pórtico da igreja nos dias de chuva e, nas grandes festas, suplicava ao sacristão que lhe deixasse

bater os sinos, para se dependurar com todo o corpo à grande corda e sentir-se levar por ela no balanço.

Assim, ele cresceu como um carvalho. Adquiriu força nas mãos e belas cores.

Aos doze anos, a mãe obteve que se comesçassem os seus estudos. Encarregaram o padre de fazer isso. Mas as lições eram tão curtas e tão mal seguidas que não podiam servir para grande coisa. Era nos momentos perdidos que elas se davam, na sacristia, de pé, às pressas, entre um batismo e um enterro; ou então o padre mandava buscar o seu aluno depois do *Angelus*, quando não tinha de sair. Subiam no quarto dele, instalavam-se: os mosquitos e as mariposas giravam em torno da vela. Fazia calor, o menino adormecia; e o homem, cochilando com a mão sobre a barriga, não tardava a roncar, com a boca aberta. Outras vezes, quando o senhor cura, ao voltar de ministrar o viático a algum doente das redondezas, avistava Charles que fazia molecagens pelo campo, chamava-o, passava-lhe um sermão de um quarto de hora e aproveitava a ocasião para lhe fazer conjugar um verbo ao pé de uma árvore. A chuva vinha interrompê-los, ou um conhecido que passava. De resto, estava sempre contente com ele, dizia até que o *rapaz* tinha muita memória.

Charles não podia parar aí. A senhora foi enérgica. Envergonhado, ou antes, cansado, o sr. Bovary cedeu sem resistência, e se esperou ainda um ano para que o menino tivesse feito a primeira comunhão.

Passaram-se seis meses mais; e, no ano seguinte, Charles foi definitivamente mandado para o colégio de Rouen, aonde o pai o levou pessoalmente, pelo fim de outubro, na época da feira de São Romão.

Agora seria impossível a qualquer um de nós lembrar-se do que quer que seja a respeito dele. Era um rapaz de temperamento moderado, que brincava nos recreios, esforçava-se no estudo, escutando durante as aulas, dor-

mindu bem no dormitório, comendo bem no refeitório. Tinha como responsável um comerciante de quinquilharias no atacado da rua Ganterie, que saía com ele uma vez por mês, no domingo, depois de fechar a loja, levava-o a passear no porto para ver os navios, depois o acompanhava de volta ao colégio pelas sete horas, antes do jantar. À noite de cada quinta-feira, escrevia uma longa carta para a mãe, com tinta vermelha e com três pingos de cera para fechá-la; depois relia os cadernos de história, ou então lia um velho volume de *Anacharsis*⁵ que andava jogado pela sala de estudos. Durante o passeio, conversava com o criado, que era do campo como ele.

De tanto se aplicar, manteve-se sempre pelo meio da classe; uma vez até ganhou uma menção honrosa em história natural. Mas, no final do segundo ano colegial, os pais o tiraram do colégio para que fosse estudar medicina, persuadidos de que ele poderia prosseguir sozinho até o fim do segundo grau.

A mãe escolheu um quarto para ele, no quarto *arrondissement*, de frente para o Eau-de-Robec,⁶ na casa de um tintureiro seu conhecido. Ela tomou as providências para sua pensão, arranjou móveis, uma mesa e duas cadeiras, mandou vir da casa dela uma velha cama de cezeira e comprou, além disso, um pequeno aquecedor de ferro fundido, com a provisão de lenha que devia aquecer o seu pobre filho. Depois ela se foi, no final da semana, após mil recomendações para que se comportasse bem, agora que estaria abandonado a si mesmo.

O programa dos cursos, que leu no quadro de avisos, causou-lhe um efeito de estonteamento: curso de anatomia, curso de patologia, curso de fisiologia, curso de farmácia, curso de química, e de botânica, e de clínica, e de terapêutica, sem contar a higiene nem a matéria médica, nomes todos de que ignorava as etimologias e que eram, como outras tantas portas de santuários, cheios de augustas trevas.